

Teologia da Prosperidade

Índice

1. A Heresia da teologia da Prosperidade, 3
2. O que está errado com a teologia da prosperidade, 3
3. Raízes históricas da teologia da prosperidade, 4
4. Confissão positiva e teologia da prosperidade, 7
5. Oito características dos teólogos da prosperidade, 8
6. Teologia de mercado, 10
7. A velha Inimiga que não desiste, 12
8. Vivemos o evangelho do “ser” ou do “ter”?, 13
9. Pobreza não é sinal de operação de demônios, 14
10. Passagens bíblicas deturpadas por pessoas adeptas da teologia da prosperidade, 15

Estão reunidos aqui alguns artigos sobre a teologia da prosperidade, pertencentes a diferentes autores,

A heresia da teologia da prosperidade Farinha do mesmo pote?

A teologia da prosperidade promete especialmente o sucesso financeiro (e em todos os aspectos da vida) aos que são seguidores de Jesus Cristo. Essa espécie de "religião capitalista" faz com que muitos líderes religiosos arrecadem significativas somas de dinheiro sem se preocupar em seguir a teologia bíblica do dízimo. Um desses pregadores garante aos seus telespectadores que, se eles forem "fiéis" em "dar o dinheiro a Deus", poderão inclusive escolher as bênçãos que querem receber: um carro importado, uma casa na praia, um bom saldo na conta bancária...

Não é errado ter um carro, uma casa na praia e dinheiro. O problema surge quando tudo isso é colocado "em primeiro lugar" e não "o reino de Deus e sua justiça" (Mateus 6:33). Devemos viver bem neste mundo, mas nossos pensamentos devem estar voltados para "as coisas do alto" (Colossenses 3:1, 2), as celestiais.

Por causa do ensino da "prosperidade" - como é apresentado pelos pastores que seguem essa linha teológica - muitas pessoas desinformadas (ou maliciosas) e a mídia acabam julgando mal todas as igrejas protestantes sérias. Já ouvi dizerem: "Todos os religiosos são farinha do mesmo saco." Já que os teólogos da prosperidade distorcem o conceito do dízimo, pensam os menos esclarecidos que "os pastores são todos iguais".

Isso não deveria ser assim, ainda mais nesta era pós-moderna em que temos acesso com facilidade à boa (e má, infelizmente) informação. Antes que um agnóstico, ateu ou outra pessoa que não seja simpatizante da religião julgue o sistema de dízimos como "exploração do povo", deveria conhecer o posicionamento bíblico e protestante sobre o assunto - que nada tem a ver com o que é ensinado por muitas igrejas.

Hebreu Messianico

Afinal, o que está errado com a teologia da prosperidade?

Augustus Nicodemus Lopes

Apesar de até o presente só ter melhorado a vida dos seus pregadores e fracassado em fazer o mesmo com a vida dos seus seguidores, a teologia da prosperidade continua a influenciar as igrejas evangélicas no Brasil.

Uma das razões pela qual os evangélicos têm dificuldade em perceber o que está errado com a teologia da prosperidade é que ela é diferente das heresias clássicas, aquelas defendidas pelos mórmons e "testemunhas de Jeová" sobre a pessoa de Cristo, por exemplo. A teologia da prosperidade é um tipo diferente de erro teológico. Ela não nega diretamente nenhuma das verdades fundamentais do Cristianismo. A questão é de ênfase. O problema não é o que a teologia da prosperidade diz, e sim o que ela não diz.

- Ela está certa quando diz que Deus tem prazer em abençoar seus filhos com bênçãos materiais, mas erra quando deixa de dizer que qualquer bênção vinda de Deus é graça e não um direito que nós temos e que podemos reivindicar ou exigir dele.
- Ela acerta quando diz que podemos pedir a Deus bênçãos materiais, mas erra quando deixa de dizer que Deus tem o direito de negá-las quando achar por bem, sem que isto seja por falta de fé ou fidelidade de nossa parte.

- Ela acerta quando diz que devemos sempre declarar e confessar de maneira positiva que Deus é bom, justo e poderoso para nos dar tudo o que precisamos, mas erra quando deixa de dizer que estas declarações positivas não têm poder algum em si mesmas para fazer com que Deus nos abençoe materialmente.
- Ela acerta quando diz que devemos dar o dízimo e ofertas, mas erra quando deixa de dizer que isto não obriga Deus a pagá-los de volta.
- Ela acerta quando diz que Deus faz milagres e multiplica o azeite da viúva, mas erra quando deixa de dizer que nem sempre Deus está disposto, em sua sabedoria insondável, a fazer milagres para atender nossas necessidades, e que na maioria das vezes ele quer nos abençoar materialmente através do nosso trabalho duro, honesto e constante.
- Ela acerta quando identifica os poderes malignos e demônicos por detrás da opressão humana, mas erra quando deixa de identificar outros fatores como a corrupção, a desonestidade, a ganância, a mentira e a injustiça, os quais se combatem, não com expulsão de demônios, mas com ações concretas no âmbito social, político e econômico.
- Ela acerta quando diz que Deus costuma recompensar a fidelidade mas erra quando deixa de dizer que por vezes Deus permite que os fiéis sofram muito aqui neste mundo.
- Ela está certa quando diz que podemos pedir e orar e buscar prosperidade, mas erra quando deixa de dizer que um não de Deus a estas orações não significa que Ele está irado conosco.
- Ela acerta quando cita textos da Bíblia que ensinam que Deus recompensa com bênçãos materiais aqueles que o amam, mas erra quando deixa de mostrar aquelas outras passagens que registram o sofrimento, pobreza, dor, prisão e angústia dos servos fiéis de Deus.
- Ela acerta quando destaca a importância e o poder da fé, mas erra quando deixa de dizer que o critério final para as respostas positivas de oração não é a fé do homem mas a vontade soberana de Deus.
- Ela acerta quando nos encoraja a buscar uma vida melhor, mas erra quando deixa de dizer que a pobreza não é sinal de infidelidade e nem a riqueza é sinal de aprovação da parte de Deus.
- Ela acerta quando nos encoraja a buscar a Deus, mas erra quando induz os crentes a buscá-lo em primeiro lugar por aquelas coisas que a Bíblia constantemente considera como secundárias, passageiras e provisórias, como bens materiais e saúde.

A teologia da prosperidade, à semelhança da teologia da libertação e do movimento de batalha espiritual, identifica um ponto bíblicamente correto, abstrai-o do contexto maior das Escrituras e o utiliza como lente para reler toda a revelação, excluindo todas aquelas passagens que não se encaixam. Ao final, o que temos é uma religião tão diferente do Cristianismo bíblico que dificilmente poderia ser considerada como tal. Estou com saudades da época em que falso mestre era aquele que batia no portão da nossa casa para oferecer um exemplar do livro de Mórmon ou da Torre de Vigia...

Raízes históricas da teologia da prosperidade

Alderí Souza de Matos

O evangelicalismo brasileiro apresenta características apreciáveis e preocupantes. Entre estas últimas está o gosto por novidades. Líderes e fiéis sentem que, para manter o interesse pelas coisas de Deus, é

preciso que de tempos em tempos surja um ensino novo, uma nova ênfase ou experiência. Geralmente tais inovações têm sua origem nos Estados Unidos. Assim como outros países, o Brasil é um importador e consumidor de bens materiais e culturais norte-americanos. Isso ocorre também na área religiosa. Um movimento de origem americana que tem tido enorme receptividade no meio evangélico brasileiro desde os anos 80 é a chamada teologia da prosperidade. Também é conhecida como “confissão positiva”, “palavra da fé”, “movimento da fé” e “evangelho da saúde e da prosperidade”. A história das origens desse ensino revela aspectos questionáveis que devem servir de alerta para os que estão fascinados com ele.

Ao contrário do que muitos imaginam, as idéias básicas da confissão positiva não surgiram no pentecostalismo, e sim em algumas seitas sincréticas da Nova Inglaterra, no início do século 20. Todavia, por causa de algumas afinidades com a cosmovisão pentecostal, como a crença em profecias, revelações e visões, foi em círculos pentecostais e carismáticos que a confissão positiva teve maior acolhida, tanto nos Estados Unidos como no Brasil. A história de seus dois grandes paladinos irá elucidar as raízes dessa teologia popular e mostrar por que ela é danosa para a integridade do evangelho.

Essek W. Kenyon, o pioneiro

Embora os adeptos da teologia da prosperidade considerem Kenneth Hagin o pai desse movimento, pesquisas cuidadosas feitas por vários estudiosos, como D. R. McConnell, demonstraram conclusivamente que o verdadeiro originador da confissão positiva foi Essek William Kenyon (1867-1948). Esse evangelista de origem metodista nasceu no condado de Saratoga, Estado de Nova York, e se converteu na adolescência. Em 1892 mudou-se para Boston, onde estudou no Emerson College, conhecido por ser um centro do chamado movimento “transcendental” ou “metafísico”, que deu origem a várias seitas de orientação duvidosa. Uma das influências recebidas e reconhecidas por Kenyon nessa época foi a de Mary Baker Eddy, fundadora da Ciência Cristã.

Kenyon iniciou o Instituto Bíblico Betel, que dirigiu até 1923. Transferiu-se então para a Califórnia, onde fez inúmeras campanhas evangelísticas. Pregou diversas vezes no célebre Templo Angelus, em Los Angeles, da evangelista Aimee Semple McPherson, fundadora da Igreja do Evangelho Quadrangular. Pastoreou igrejas batistas independentes em Pasadena e Seattle e foi um pioneiro do evangelismo pelo rádio, com sua “Igreja do Ar”. As transcrições gravadas de seus programas serviram de base para muitos de seus escritos. Cunhou muitas expressões populares do movimento da fé, como “O que eu confesso, eu possuo”. Antes de morrer, em 1948, encarregou a filha Ruth de dar continuidade ao seu ministério e publicar seus escritos.

Quais eram as crenças dos tais grupos metafísicos? Eles ensinavam que a verdadeira realidade está além do âmbito físico. A esfera do espírito não só é superior ao mundo físico, mas controla cada um dos seus aspectos. Mais ainda, a mente humana pode controlar a esfera espiritual. Portanto, o ser humano tem a capacidade inata de controlar o mundo material por meio de sua influência sobre o espiritual, principalmente no que diz respeito à cura de enfermidades. Kenyon acreditava que essas idéias não somente eram compatíveis com o cristianismo, mas podiam aperfeiçoar a espiritualidade cristã tradicional. Mediante o uso correto da mente, o crente poderia reivindicar os plenos benefícios da salvação.

Kenneth Hagin, o divulgador

O grande divulgador dos ensinamentos de Kenyon, a ponto de ser considerado o pai do movimento da fé, foi Kenneth Erwin Hagin (1917-2003). Ele nasceu em McKinney, Texas, com um sério problema cardíaco. Teve uma infância difícil, principalmente depois dos 6 anos, quando o pai abandonou a família. Pouco antes de completar 16 anos sua saúde piorou e ele ficou confinado a uma cama. Teve então algumas experiências marcantes. Após três visitas ao inferno e ao céu, converteu-se a Cristo. Refletindo sobre Marcos 11.23-24, chegou à conclusão de que era necessário crer, declarar verbalmente a fé e agir como

se já tivesse recebido a bênção (“creia no seu coração, decreta com a boca e será seu”). Pouco depois, obteve a cura de sua enfermidade.

Em 1934 Hagin começou seu ministério como pregador batista e três anos depois se associou aos pentecostais. Recebeu o batismo com o Espírito Santo e falou em línguas. No mesmo ano foi licenciado como pastor das Assembléias de Deus e pastoreou várias igrejas no Texas. Em 1949 começou a envolver-se com pregadores independentes de cura divina e em 1962 fundou seu próprio ministério. Finalmente, em 1966 fez da cidade de Tulsa, em Oklahoma, a sede de suas atividades. Ao longo dos anos, o Seminário Radiofônico da Fé, a Escola Bíblica por Correspondência Rhema, o Centro de Treinamento Bíblico Rhema e a revista “Word of Faith” (Palavra da Fé) alcançaram um imenso número de pessoas. Outros recursos utilizados foram fitas cassete e mais de cem livros e panfletos.

Hagin dizia ter recebido a unção divina para ser mestre e profeta. Em seu fascínio pelo sobrenatural, alegou ter tido oito visões de Jesus Cristo nos anos 50, bem como diversas outras experiências fora do corpo. Segundo ele, seus ensinamentos foram transmitidos diretamente pelo próprio Deus mediante revelações especiais. Todavia, ficou comprovado posteriormente que ele se inspirou grandemente em Kenyon, a ponto de copiar, quase palavra por palavra, livros inteiros desse antecessor. Em uma tese de mestrado na Universidade Oral Roberts, D. R. McConnell demonstrou que muito do que Hagin afirmou ter recebido de Deus não passava de plágio dos escritos de Kenyon. A explicação bastante suspeita dada por Hagin é que o Espírito Santo havia revelado as mesmas coisas aos dois.

Reflexos no Brasil

Os ensinamentos de Hagin influenciaram um grande número de pregadores norte-americanos, a começar de Kenneth Copeland, seu herdeiro presuntivo. Outros seguidores seus foram Benny Hinn, Frederick Price, John Avanzini, Robert Tilton, Marilyn Hickey, Charles Capps, Hobart Freeman, Jerry Savelle e Paul (David) Yonggi Cho, entre outros. Em 1979, Doyle Harrison, genro de Hagin, fundou a Convenção Internacional de Igrejas e Ministros da Fé, uma virtual denominação. Nos anos 80, os ensinamentos da confissão positiva e do evangelho da prosperidade chegaram ao Brasil. Um dos primeiros a difundir-lo foi Rex Humbard. Marilyn Hickey, John Avanzini e Benny Hinn participaram de conferências promovidas pela Associação de Homens de Negócios do Evangelho Pleno (Adhonet). Outros visitantes foram Robert Tilton e Dave Robertson.

Entre as primeiras manifestações do movimento estavam a Igreja do Verbo da Vida e o Seminário Verbo da Vida (Guarulhos), a Comunidade Rema (Morro Grande) e a Igreja Verbo Vivo (Belo Horizonte). Alguns líderes que abraçaram essa teologia foram Jorge Tadeu, das Igrejas Maná (Portugal); Cássio Colombo (“tio Cássio”), do Ministério Cristo Salva, em São Paulo; o “apóstolo” Miguel Ângelo da Silva Ferreira, da Igreja Evangélica Cristo Vive, no Rio de Janeiro, e R. R. Soares, responsável pela publicação da maior parte dos livros de Hagin no Brasil. Talvez a figura mais destacada dos primeiros tempos tenha sido a pastora Valnice Milhomens, líder do Ministério Palavra da Fé, que conheceu os ensinamentos da confissão positiva na África do Sul. As igrejas brasileiras sofreram o impacto de uma avalanche de livros, fitas e apostilas sobre confissão positiva. Ricardo Gondim observou em 1993: “Com livros extremamente simples, [Hagin] conseguiu influenciar os rumos da igreja no Brasil mais do que qualquer outro líder religioso nos últimos tempos”.

Conclusão

Além de apresentar ensinamentos questionáveis sobre a fé, a oração e as prioridades da vida cristã, e de relativizar a importância das Escrituras por meio de novas revelações, a teologia da prosperidade, através dos escritos de seus expoentes, apresenta outras ênfases preocupantes no seu entendimento de Deus, de Jesus Cristo, do ser humano e da salvação. A partir dos anos 80, várias denominações pentecostais norte-americanas se posicionaram oficialmente contra os excessos desse movimento (Assembléias de Deus, Evangelho Quadrangular e Igreja de Deus). Autores como Charles Farah, Gordon Fee, D. R. McConnell e

Hank Hanegraaff, todos simpatizantes do movimento carismático, escreveram obras contestando a confissão positiva e suas implicações. Eles destacaram como, embora essa teologia pareça uma maneira empolgante de encarar a Bíblia, ela se distancia em pontos cruciais da fé cristã histórica.

No Brasil, três obras significativas publicadas em 1993 -- “O Evangelho da Prosperidade”, de Alan B. Pieratt; “O Evangelho da Nova Era”, de Ricardo Gondim; e “Supercrentes”, de Paulo Romeiro -- alertaram solenemente as igrejas evangélicas para esses perigos. Tristemente, vários grupos, principalmente os que têm maior visibilidade na mídia, estão cada vez mais comprometidos com essa teologia desconhecida da maior parte da história da igreja. Ao defenderem e legitimarem os valores da sociedade secular (riqueza, poder e sucesso), e ao oferecerem às pessoas o que elas ambicionam, e não o que realmente necessitam aos olhos de Deus, tais igrejas crescem de maneira impressionante, mas perdem grande oportunidade de produzir um impacto salutar e transformador na sociedade brasileira.

• Alderi Souza de Matos

Confissão positiva e teologia da prosperidade

“Coisa espantosa e horrenda se anda fazendo na Terra.” (Jr. 5:30)

A ênfase da religião é egocêntrica, materialista e consumista, seu lema se resume em “mas bem aventurada coisa e receber do que dar”.

Confissão positiva é o nome de um movimento que permeia o seio da igreja, expondo uma teologia estranha ao cristianismo bíblico.

Apresenta um Deus totalmente alheio ao revelado nas Escrituras, um Jesus divorciado dos ensinamentos do N.T. e a deificação do homem (difundem sua doutrina através da música, com muitas repetições, uma espécie de “mantra”). Valorizam mais o útil que o verdadeiro.

Essa ideia teve origem no ocultismo e não no pentecostalismo – Finéias Parkhurst, (depois Mary Baker Eddy, 1879) ele um curandeiro hipnotizador é o primeiro difusor da ideia e conseqüentemente Essek Willian Kenion aprimora essa ideia nas décadas 30 e 40, mescla essa nova proposta com a teologia da prosperidade ou movimento da fé e se torna conhecido como o pai da confissão positiva.

Os principais profetas da Confissão Positiva e Teologia da Prosperidade são: Kenneth Hagin, Kenneth Copeland, Benny Hinn, David Robertson, Paul Crouch e outros.

Em Portugal uma ramificação do movimento da fé, chamada Maná (Ap. Jorge Tadeu) vem causando vários transtornos aos cristãos que primam pela ortodoxia bíblica.

No Brasil: R.R. Soares, Edir Macedo, Valnice Milhomens, Estevam e Sônia Hernandes e outros.

Visão da Confissão Positiva e Teologia da Prosperidade em relação á:

a) Deus (I Jo. 5:14) – Deus está sujeito a vontade do homem que deve cobrar seus direitos e determinar suas bênçãos.

b) Homem – O homem é duplicação de Deus, o homem foi criado em termos de igualdade com Deus – “Deificação do homem”, essa ideia é de Satanás e começou no Jardim do Éden (Gn. 3:4).

Deus não é homem (Nm. 23:19) e o homem não é Deus (Is. 31:3, Ez. 28:2,9, Os. 11:9, At. 14:11-15).

Segundo Michael Horton há duas verdades fundamentais que todo homem precisa saber: A 1ª “Há um só Deus verdadeiro” e a 2ª “Pode estar certo que você não é Ele”.

c) Jesus – Morreu duas vezes fisicamente e espiritualmente.

Física – na cruz não salva.

Espiritual – Foi segundo eles quando Jesus foi levado ao inferno para padecer nas mãos de Satanás. Trata-se pois de um outro Jesus (I Co. 11:4) – Isso é um absurdo diante de textos como Rm. 8:3; IPe. 2:24; 4:1).

Riqueza e saúde

Pregam que a enfermidade é resultado de pecado ou falta de fé – propriedades dinheiros e saúde são as marcas do Cristão ou são o instrumento aferidor do grau de espiritualidade e de santidade do crente, sendo assim Antônio Ermírio de Moraes, Silvio Santos e outros devem ser exemplos no Brasil de santidade e espiritualidade.

Homens de Deus enfermos – Timóteo (I Tm. 5:23) e Trófimo (II Tm. 4:20)

Riqueza e pobreza – A bíblia ensina que nem a riqueza, nem a pobreza são virtudes – Deus em momento algum trata a pobreza com desdém. “A vida do homem não se constitui nos bens que possui (Lc. 12:15).

Pb. Francisco de Aquino

Oito Características dos teólogos da prosperidade

1) LUTA

Talvez nos EUA, os pregadores da prosperidade não aceitem as lutas como sendo normal da vida cristã, mas, por aqui não é assim. Ao contrário, o mensageiro começa “Quem além de mim está passando por alguma luta?”. Ora... se você não tem problema, não tem pelo que orar, se não ora, não tem pelo que pedir nem pelo que ofertar... A luta é um gancho e tanto, é cultuada, promovida e serve para quebrar as resistências. Caramba, ele é igual a mim, um santo homem de Deus também tem problemas. Pronto. Daí ouve-se com mais carinho tudo o que for dito.

O foco não está na luta em si, mas, na vitória que é certa e junto com ela o revide. Sim, não basta vencer, é preciso mostrar que venceu. O desejo de dar o troco é um estímulo para deixar o povo motivado e comprometido na campanha (se for o caso) até o fim. Isto porque o Sl 23 diz “prepara uma mesa diante dos meus adversários”, logo, você não vai querer ficar fora dessa, vai? O povo se une num único objetivo, vencer, vencer, vencer e para isso a oferta aparece como arma de guerra. O líder diz para semearmos pois deseja o nosso bem, afinal ele também está com lutas, lembra-se?

2) PANELA VELHA É QUE FAZ COMIDA BOA

99,99% das mensagens são feitas com textos do Antigo Testamento. Ali são encontradas as histórias de guerra, batalha, luta, vitória... mais facilmente comparadas com as situações do homem moderno. Como introduzir a necessidade e a importância do dinheiro como veículo para a benção se forem usadas as palavras de Paulo sobre sepultar o velho homem, são doutrina, graça, etc. ? Ficaria difícil. Os top ten da prosperidade são: Abraão, Isaque (e sua colheita 100 por 1), Jacó, José, Josué, Gideão, Davi, Salomão,

Neemias e Ester. Do Novo Testamento, utilizam apenas o que possa servir para lhes dar razão e não receio em dizer que também é por falta de conhecimento mesmo... Vale lembrar que o Antigo Testamento deve ser interpretado à luz do Novo e não retirando textos do contexto.

3) PACTOS

Como adoram o AT, usam certos costumes da lei, fazendo (e desfazendo facilmente) pactos (parcerias ministeriais) entre si, além de utilizarem o chamado “simbolismo” ou ponto de contato para ajudar a fé do povo. Distribuem miniaturas de arcas, portas abertas, cálices, candelabros, etc. Nunca vi ninguém cobrar por estas coisas, é realmente gratuito, pois, é uma forma de garantir o retorno daquela ovelha na próxima reunião (ou nas próximas reuniões) enquanto durar a campanha. Normalmente, no último grande dia daquele propósito já se inicia um outro e por aí vai. De 7 em 7 reuniões, a pessoa é mantida ali, tempo suficiente para receber o condicionamento espiritual e entrar na visão. Eles sabem muito bem trabalhar com o reforço mental.

4) SUPER-HERÓI

Estes teologistas fazem separação (que já não existe mais por estarmos na nova aliança) entre eles e o povo, deixando claro que o pastor é o sumo-sacerdote. Deus fala com ele primeiro, derrama unção sobre ele e dele escorre para o povo. Alguns usam o termo família sacerdotal e tem do povo uma verdadeira veneração. São pastores prodígios por se autodenominarem também profetas... Você crê que eu sou profeta para a sua vida aqui, hoje? Então creia nos seus profetas e prosperarás! e autoridade máxima da congregação porque Ai daquele que se levanta contra um ungido do Senhor. É uma imagem de super-herói, cativante e inspiradora! Como duvidar de um santo homem de Deus cheio de revelações? Estava vindo para cá quando Deu me falou... ou no meio da pregação ele pára e diz... Hã? O que Espírito Santo? Ahnnnn...

5) DEMONIZAÇÃO DA TEOLOGIA

Não incentivam o estudo das Escrituras. Prevenindo-se, ele usam termos pejorativos como “até lólogos” para se referirem a possíveis críticos. As ovelhas nunca os ouvirão porque sempre se lembrarão das palavras do seu “paistor”... Ó, bem que o pastor falou... tá amarrado seu rebelde! Se você resolve estudar Teologia, será questionado, ironizado e nem terá nenhum tipo de estímulo. Pelo contrário... pode ser visto como alguém perigoso por pensar demais. Aliás o deboche é característico quando eles se referem aos seus inimigos.

Sem aprofundamento na Bíblia, acontece um festival de repetições de jargões, temas, textos, etc. A interpretação é forçosa por demais a fim de se conseguir pelo menos a média (em R\$) das arrecadações. Contrariedades vão se sedimentando nas mentes como se fossem verdades. Jesus disse que quem perder a sua vida acha-lá-a, mas, a Teologia da Prosperidade ensina o contrário, visto que a benção material é a prova de Deus na sua vida.

6) RECEITA DE BOLO

Eles são bastante pragmáticos e defendem a existência de certos princípios cujo cumprimento dá um resultado infalível, não importando questões como santidade e outras. É por esta razão que os títulos das mensagens são do tipo: a lei da abundância, como não ser impedido de colher, 7 segredos da prosperidade total, 5 passos para uma colheita incomum...

7) CASTAS

Além de promoverem a distinção entre si e o povo, os pregadores da prosperidade dividem o povo em castas. O valor monetário de suas ofertas é o parâmetro: colaborador fiel, mais que fiel, colaborador Gideão, Sansão, etc. Para cada grupo, um brinde diferenciado... uma oração específica, uma “unção”.

Maslow afirma que o ser humano tem uma necessidade social de pertencer a um grupo e ser aceito. Esta carência é muito bem explorada pela TP, como se pode ver.

8) FESTIVAL DE PROFECIAS

Tudo para eles é profético e palavra profética. É um tal de eu profetizo que hoje é o dia da tua vitória... que ainda este ano acontecerá isso ou aquilo... ou profetizam o óbvio, tipo... eu profetizo que Deus te levará a pastos verdejantes... (dãããã). Se a profecia não se cumpre, a culpa é sua meu irmão, você é que não tomou posse (?). Mas... o que diz a Bíblia?

Porém o profeta que presumir de falar alguma palavra em meu nome, que eu lhe não mandei falar, ou o que falar em nome de outros deuses, esse profeta será morto. Se disseres no teu coração: Como conhecerei a palavra que o Senhor não falou? Sabe que, quando esse profeta falar em nome do Senhor, e a palavra dele se não cumprir, nem suceder, como profetizou, esta é palavra que o Senhor não disse; com soberba, a falou o tal profeta; não tenhas temor dele. Dt 18.20-22

Teologia de Mercado

Uma chuva de vergonha tem caído sobre o Evangelho do Senhor Jesus Cristo, nos últimos trinta anos, desde que os pentecistas (principalmente os carismáticos) tomaram conta do “mercado espiritual”. Já existe até escritor enriquecendo com a sua Teologia de Mercado, pois a teologia bíblica tem sido tremendamente mercadejada nos bairros mais populares das cidades, onde os pentecistas, com aparência de piedade, abrem suas “sinagogas”, visando somente encher os bolsos, com os dízimos e ofertas dos ingênuos que entram ali e acreditam no que eles pregam, usando uma voz em estilo tonitruante.

As notícias são as mais terríveis nos arraiais ditos evangélicos: damas pastorais furtando coisas nos supermercados (exemplo, a mulher de Benny Hinn, na África dos Sul); pastores cometendo adultério; pastores estuprando meninas dentro de suas “sinagogas”; pastores se divorciando para casar com moças do rol de membros da “igreja”; “pastores” roubando descaradamente nos dízimos, ofertas e contas do governo; “pastores” fazendo tráfico de drogas e armas... enfim, esses meliantes estão se comportando de tal maneira que Fernandinho Beiramar deveria ser canonizado como santo, quando comparado a eles. Aliás, isto até poderia acontecer, porque uma grande maioria desses “pastores” pentecistas é “muy amiga” dos padres católicos romanos, tanto que os dois ramos de iletrado bíblicos engratados já estão se cumprimentando com “aquele abraço”, cambiando lugares nos respectivos púlpitos, onde a sã doutrina passa a milhares de quilômetros de distância. Isso tem acontecido porque alguns pastores pentecistas (e/ou avivados) têm copiado tudo que não presta da hierarquia romana, inclusive o homossexualismo e a pedofilia.

Vejamos algumas notícias escabrosas sobre alguns líderes pentecistas americanos, muitos dos quais têm servido de exemplo aos nacionais. Em vez de se deleitarem na leitura e obediência à Palavra de Deus, pregando o Evangelho de Cristo, com toda a simplicidade das Cartas de Paulo, os pentecistas tupiniquins preferem o Velho Testamento, e ainda seguem as heresias dos lobos americanos, que escrevem livros com o fito de enriquecer, sabendo que o povo gosta de pão e circo. Esses hereges americanos vão lhes dando – através dos livros traduzidos – o pão bolorento do falso evangelho, narrando suas macaquices relacionadas com as falsas profecias, os sinais e maravilhas de suas “igrejas” evangélicas/hinduístas, divertindo-se com um público leitor amante de suas lorotas. Este bando de iletrados bíblicos transformou a igreja do Senhor no novo “Israel de Deus”, apropriando-se, indebitamente, de todas as promessas que Ele fez o Seu povo escolhido, através dos profetas do Velho Testamento, porém desprezando os castigos anunciados pela sua desobediência.

Vejamos alguns “bons exemplos” de pentecostas americanos, muitos deles copiados pelos pentecostas nacionais, imaginando que os seus modelos americanos tenham uma vida santa, diante de Deus e de suas comunidades.

Jim Bakker – defraudou os seus seguidores em 158 milhões de dólares.

Jimmy Swaggart – foi flagrado com uma prostituta, quando liderava uma congregação de 6.000 membros, em Baton Rouge, Louisiana.

Peter Popoff – costumava exercer a “palavra de conhecimento”, declarando nomes, endereços e doenças das pessoas desconhecidas que presentes aos seus “shows”. Contudo, em 1986, explodiu a notícia de que as admiráveis “revelações” de Popoff, na verdade, eram-lhe transmitidas pela esposa, após ter ela conversado com os membros da audiência e transmitido as informações via rádio, para o marido, através de um minúsculo receptor de ouvido.

Robert Tilton – ensinava as doutrinas da Palavra da Fé, de Kenneth Hagin, prometendo prosperidade e cura àqueles que sustentassem, generosamente, o seu ministério e exercitassem a fé. Tempos depois, foi denunciado por uma exposição na ABC-TV’s Prime Time, pelo seu extravagante estilo de vida e suas práticas duvidosas de angariar fundos.

Bob Jones – estava usando sua suposta autoridade espiritual e “unção profética”, para induzir algumas mulheres a se despirem diante dele.

Jammie Buckingham – Vivia prometendo a cura do câncer aos iludidos que frequentavam sua imensa igreja; porém, acabou morrendo de câncer.

Earl Paulk – Seguidor e pregador das doutrinas da Palavra da Fé, Paulk demonstrou a “grandeza de sua fé”, quando algumas mulheres alegaram ter tido relações sexuais com ele, em 2001. Também uma das mulheres moveu ação judicial, afirmando que Paulk a havia molestado, quando era criança.

Clarence McClendon – Sua primeira esposa o acusou de ser o pai de uma criança fora do casamento.

Robert Liardon – reconheceu ter mantido um “relacionamento homossexual”.

(Charisma News, 31/01/2002)

Paul Cain – denunciado como homossexual e alcoólatra, foi excluído de sua congregação, sob a alegação de que este “profeta da Terceira Onda” havia se recusado submeter-se à sua disciplina. Ele foi um dos astros no firmamento do Movimento dos Apóstolos & Profetas.

Ted Haggard – renunciou ao cargo de pastor sênior de uma igreja com 144.000 membros, após a revelação de um escândalo com um prostituto homossexual chamado Mike Jones.

Richard Roberts – a casa de Roberts foi remodelada 11 vezes, em poucos anos; ele vivia nababescamente com a esposa Lindsay, a qual costumava passar noites na ORU com um garoto menor de 16 anos e, frequentemente, sua conta de telefone celular ultrapassava os 800 dólares mensais, com ligações para garotos “carentes de afeto”.

Todd Bentley – Em Agosto de 2008, o “Derramamento de Lakeland”, com quatro meses de duração, liderado por Todd Bentley, terminou com um escândalo. Alguns haviam profetizado que “aquela fenomenal cruzada de cura em Lakeland, Flórida, seria o começo de um reavivamento nacional e que cidades inteiras seriam dominadas”. Na verdade, o Derramamento de Lakeland é que foi dominado, após Todd Bentley ter anunciado que estava se separando da esposa. Sua igreja é um legítimo jardim zoológico, nas doutrinas “animais”.

Estes são apenas alguns poucos entre os muitos “bons” exemplos de vida que os pentecostais recebem dos seus mentores, cujos livros e doutrinas espúrias têm sido copiados em todas as igrejas pentecostais e “avivadas”.

Teologia da Prosperidade – A velha Inimiga que não desiste

Mas por que a Teologia da Prosperidade é considerada tão nociva e é tão freqüentemente atacada?

Elementar, caro Watson! Porque a Teologia da Prosperidade distorce o Evangelho de Cristo, ensinando o que este não ensina, e ainda traz em si diversos enganos, como a promessa de satisfação dos desejos humanos (será que isso é bíblico?).

Vejamos alguns dos ensinamentos da TP:

1) Quem quer ganhar tem que dar primeiro e quem der, recebe o dobro.

A Teologia da Prosperidade cresceu assustadoramente com a divulgação deste tipo de pensamento. Seus promotores diziam que as pessoas poderiam prosperar financeiramente e se tornarem muito ricas.

Concordamos com isso. As pessoas podem prosperar e ficar ricas, desde que trabalhem e encontrem os meios de alcançar essa realidade.

Mas isso não era dito por eles. O meio proposto é sempre a sementeira, isto é, a pessoa que quer prosperar materialmente precisa, primeiro, pegar aquilo que já possui e investir no Reino de Deus – aqui chamado de igreja local. Eles dizem que é preciso semear para poder colher. Assim, quem quer colher laranjas não vai semear semente de figos, mas sim de laranja. Da mesma sorte, quem quer colher riqueza material, deve semear riqueza material na igreja – aqui se referindo ao bolso do líder.

Com isso já vi pessoas que deram tudo, inclusive o dinheiro da venda de móveis de suas casas, com a promessa de ter tudo de volta e com abundância. Sabe o que ganharam? Decepção e Desilusão com a igreja e com a fé.

No Evangelho Jesus não prometeu riquezas. Essa não era sua proposta. O que Ele faz é colocar cada coisa no seu devido lugar. Ele não demoniza o dinheiro, mas não o endeusa também. Para Jesus o dinheiro deve ter o lugar certo. Por isso recomenda o pagamento de tributos e sempre abre os olhos dos discípulos sobre o perigo de superestimar o dinheiro, dizendo que devemos preferir ter tesouros nos céus que aqui na terra.

2) É possível conseguir qualquer coisa, desde que tenha fé suficiente.

Essa é uma questão muito controversa. Início dizendo isso porque de forma alguma posso descrever o poder de Deus, nem da validade da fé, nem da possibilidade do milagre e da bênção. Isso tudo é muito real para mim, já experimentei muitas bênçãos e sei que Deus é poderoso para fazer infinitamente mais do que pedimos ou pensamos.

Por outro lado, também não posso ser simplista nas questões da vida. Muitas pessoas pedem milagres e bênçãos com muita devoção e fé, mas não recebem o que pediram. Por que?

Bem, os pregadores da TP não aceitam essa realidade, embora isto seja um fato. Dizem que a pessoa simplesmente não teve fé suficiente. Mas aí surgem duas perguntas: a) quem tem fé suficiente? b) E quanto aos planos e à vontade de Deus?

É preciso considerar em primeiro lugar que o Evangelho de Cristo é uma demonstração clara e simples de como todos os nossos esforços são incapazes e insuficientes perante o padrão de Deus. Até nossa fé é

insuficiente. Por isso mesmo Paulo diz em Efésios e Romanos que até a fé não vem de nós, mas é ela mesma um dom de Deus, que repartiu a cada um segundo a medida que quis proporcionar. Ou seja, até em questões como ter fé, precisamos nos agarrar na graça de Deus que nos assiste.

Em segundo lugar, nem tudo na vida está liberado a todos. Se cremos que Deus tem um plano e um propósito, precisamos também entender que certas coisas fazem parte de nossa experiência rumo ao ponto onde Deus quer nos levar.

Veja, por exemplo, o caso da igreja de Esmirna, em Apocalipse 2. A mensagem de Jesus àquela igreja é: “Não temas as coisas que tens de sofrer”. A rota daquela igreja já estava escrita, havia um plano, e nesse plano um sofrimento agendado, para isso Jesus consola o povo, “não temas”, mas eles precisavam passar por aquela situação.

Sendo assim, nem tudo o que pedimos podemos conseguir, e sim, como João diz, tudo o que pedirmos de acordo com a vontade de Deus. Essa é a linha que deve conduzir nosso pensamento.

3) Quem tem Jesus não pode ter sofrimento algum na vida.

Além disso, a Teologia da Prosperidade ainda prega que a vida do crente não pode ter sofrimento, mas somente alegria.

Desse modo você vê centenas de pessoas cheias de problemas e tristezas que não conseguem nem expressar para serem consoladas, pois as palavras têm poder, e só podemos expressar palavras positivas. De modo que a psicologia do pensamento positivo se tornou mais importantes do que o ensino de Cristo que diz para nos consolarmos uns aos outros, para chorar com os que choram e alegar com os que se alegram.

É fato que a vida tem suas lutas e tempestades. O fato de Cristo estar no controle do nosso barco é um consolo, mas embora traga segurança e alegria, não quer dizer que não enfrentamos o sofrimento natural que decorre de certas situações. O próprio Jesus sofreu e chorou.

Mas ele não se desesperou nem desistiu da vida. E mais, Paulo ensina que Jesus nos deu a graça de sofrer com Ele e por Ele. Essa é a lição que devemos observar.

Voltando ao início...

Como podemos ver, a Teologia da Prosperidade muda as ênfases do Evangelho para ser agradável aos anseios do coração humano. O que Jesus fez por nós e preparou para nós é, sem dúvida, muito maior e mais valioso do que qualquer coisa que possamos desfrutar aqui neste mundo. Mas a Teologia da Prosperidade desvirtua tal visão, invertendo os valores e distorcendo os fatos.

Claro que Deus tem bênçãos para nós nessa vida, e podemos usufruir grandes alegrias e prazeres aqui neste mundo. Mas não podemos cair na falsa idéia, na ilusão de que tudo que quisermos teremos, e o que não quisermos, não precisamos suportar.

Este tipo de pensamento é hedonista e é um dos grandes promotores de decepções e desilusões quanto à igreja e a fé para muitas pessoas. Por isso precisamos ensinar a verdade e estar sempre alertas quanto a estes falsos ensinamentos.

Que Deus nos abençoe e nos ilumine sempre pelo seu Santo Espírito, para termos os olhos firmes na VERDADE que é JESUS!

Vivemos o evangelho do “ser” ou do “ter”?

O bem estar da civilização ocidental, infelizmente, é medido pelo sucesso profissional, que por sua vez obedece aos padrões culturais baseados na felicidade a qualquer custo. Não resta dúvida de que necessitamos do TER para que possamos sobreviver condignamente, porém, o grande X do problema, é que nossa sociedade nos impõe o TER como um fim em si mesmo. É quando se diz: “Aquele ali sim, vale dez milhões de dólares”.

É logo cedo, como tenra criança, que aprendemos a colocar o TER no topo de nossos maiores anseios. Quem de nós quando criança não ouviu a célebre frase: “Se você se comportar bem vou lhe dar um grande presente!” É justamente nessa época que é plantada a semente do TER no psiquismo infantil ainda em formação.

Apesar dos grandes mestres do passado terem ensinado que não devemos nos guiar pelo instinto de posse, o anseio do Ter continua no centro de nossas idealizações.

Os Evangelhos estão repletos de inúmeros ensinamentos valorizando o SER e não o TER. É célebre a frase dita por Cristo: “Que aproveita ao homem ganhar o mundo e perder a sua vida”. O próprio Marx num rasgo de humanismo falou: “O nosso ideal deve consistir em SER muito e não TER muito”. Buda certa vez disse: “Para chegarmos ao mais elevado estágio do desenvolvimento humano, não devemos ansiar pelas posses. Erich Fromm, escreveu a seguinte fórmula: “eu sou = o que tenho e o que consumo”. O Mestre Judeu Martin Buber, autor do antológico “Eu e Tu” disse também, à respeito do TER: “Aquele que só conhece o mundo como algo que se utiliza, vai conhecer a Deus do mesmo modo”.

Desde os pré-socráticos, passando por Heráclito e Hegel já se falava na idéia do SER, como algo que implicava transformação, em contraste com a monotonia das relações sociais e religiosas baseadas no “é dando que se recebe” – como um fim em si mesmo.

Infelizmente, o cristianismo gospel tem enveredado pelo caminho comercial do TER, onde a maior bênção divina é a prosperidade econômica. As seitas da prosperidade crescem em progressão geométrica, valendo-se de uma espécie de deturpação grosseira dos pressupostos judaicos do Velho Testamento. Para validar a teoria do TER, usam como carro-chefe, a grande promessa que Deus fez a Abraão, de que ele iria possuir a terra que manava leite e mel: “A tua descendência, dei esta terra, desde o rio Egito até o grande rio Eufrates” (Gêneses 15: 18).

O crente Gospel da prosperidade que se guia pelo TER, parece mais uma eterna criança de peito, berrando pela mamadeira. É aquela pessoa que não quer crescer para ficar sempre dependendo do leite, quando no dizer do apóstolo Paulo: “...pelo tempo de crente, já deveria ingerir alimentos sólidos”. (Hebreus 5: 12).

A teologia da prosperidade terrena não resiste a essa simples reflexão: O herói da prosperidade é aquele sujeito conquistador, sempre vitorioso, cheio de poder, de fama e de louros, aquele que tudo pode e nada sofre. Já o autêntico herói cristão é totalmente o avesso do primeiro: é aquele cuja maior satisfação é dar a vida a Deus e em prol do seu semelhante, sem pensar em recompensa, porque aquilo que se faz pensando em receber algo em troca, se constitui a própria negação do amor. Cristo foi um herói que não teve onde repousar a cabeça. Um herói que não empregou a força. Um herói que não queria governar nem possuir coisa alguma, tendo por isso, atraído os pobres e não os ricos. Um herói que ao observar profundamente o mundo fútil do TER, disse: “É mais fácil um camelo passar no fundo de uma agulha do que um rico entrar no Reino de Deus” (Mateus 19: 24).

Se fizermos uma leitura da Bíblia fora do seu contexto e de um modo literal, sem levar em conta o simbolismo de suas inúmeras figuras de linguagem, corremos o risco de pensar que lá na eternidade seremos regidos pelo modo TER, que no fundo no fundo, não deixa de ser a nefasta teologia da

prosperidade levada às últimas conseqüências. Em outras palavras, é o mesmo que dizer: “Aqui na terra eu não tenho uma luxuosíssima mansão como a de muitos ministros da prosperidade, mas lá no Céu, um dia, eu poderei dizer afinal: agora sim, “eu tenho”(*) uma muito mais rica do que a deles”. Pergunto eu: “Ter para mostrar a quem?”

Sinto tristeza ao ver “o utilitário religioso” transformando o nome de Deus, irremediavelmente, num “ISSO” ou “AQUILO”, como se Ele fosse um objeto nobre entre os demais objetos.

Qual a opção que a Instituição religiosa no modo TER oferece, senão esta: “Observar estritamente as suas regras ou se retirar. Não esquecendo uma terceira opção, que seria a de fingir que é um de seus membros, tentando servir a dois senhores.

Pobreza não é sinal de operação de demônios

Como pregam algumas seitas, como podemos ler em Tiago 2.5 “Ouvi, meus amados irmãos: Porventura não escolheu Deus aos pobres deste mundo para serem ricos na fé, e herdeiros do reino que prometeu aos que o amam?”.

A razão de muitos empresários fracassarem é tudo menos demônios... muitos trocam de carro todo ano mas se esquecem de pagar as dívidas, seus fracassos são frutos da ingerência e incompetência financeira.

Deus não amaldiçoa ninguém, mas quem contribui com amor é abençoado não por contribuir, mas por fazer com amor, isso é uma prova de desprendimento dos bens materiais.

As bênçãos que Deus tem pra nós são espirituais, é salvar nossa alma.... as demais são conseqüências do nosso amor, nosso compromisso com Deus. Não foi por acaso que Jesus disse: “Lucas 12.31

31 Buscai antes o reino de Deus, e todas estas coisas vos serão acrescentadas.”, acrescentar significa adicionar com algo que já existe.

Não existem NENHUM versículo na Bíblia que nos incentive a pedir riqueza para Deus, portanto a Teologia da Prosperidade é do diabo, o deus desse século.

Passagens bíblicas deturpadas por pessoas adeptas da “teologia da prosperidade”

Este artigo é uma tentativa singela de colocar à disposição das pessoas uma boa e sólida interpretação de várias passagens bíblicas que têm sido, com muita freqüência, deturpadas por pessoas adeptas de uma doutrina que ficou conhecida como “teologia da prosperidade”, “evangelho da prosperidade” ou ainda “teologia da confissão positiva”. Os proponentes dessa doutrina, vários por falta de conhecimento e vários, infelizmente, por má fé e desonestidade, usam vários textos curtos das Escrituras, tirados do seu contexto, e torcem seu significado para fazer com que a mensagem transmitida seja exatamente o oposto do que a Bíblia ensina. Desta forma, essas passagens foram quase todas reunidas aqui e colocadas dentro do seu contexto imediato e também do contexto amplo da revelação bíblica, buscando-se assim seu verdadeiro sentido, aquele que é coerente com a mensagem do Deus que se fez pobre, não para que todos os cristãos usufruíssem de bênçãos materiais, mas para seguirmos os Seus passos e também abriremos mão do que é nosso por amor aos outros.

A mensagem bíblica, de capa a capa, é de doação, de entrega, de amor, aquele amor que, conforme I Co 13, não busca os seus próprios interesses e tem sua maior expressão no ato dar a vida pelos outros. É verdade que Jesus se importa não só com nosso espírito mas também com todo o ser humano,

integralmente. Por outro lado, nossa atitude frente a isso faz toda a diferença: baseado nessa verdade, vamos buscar benefícios para nós, como fazem os proponentes da teologia da prosperidade, ou será que isso nos fará ajudar o nosso próximo em primeiro lugar, como Jesus declara em Mt 25, quando diz, “tive fome, e me destes de comer, tive sede e me destes de beber”?

Meu desejo é que este texto abra os olhos de muitos, como um dia os meus também foram abertos! Se você, leitor, congrega em uma igreja onde se ensina essa doutrina, aconselho fortemente que tome uma atitude e pare de dar seus dízimos e contribuições para líderes que acreditam que têm o direito de “prosperar” às suas custas. Um fato muito curioso e fácil de notar é que quase todos os líderes que pregam essa doutrina de fato ficam ricos, porém suas ovelhas quase sempre continuam com o mesmo padrão de vida e nunca “prosperam” materialmente. Quando, entretanto, alguém acena com a possibilidade de parar de contribuir com a riqueza desses líderes, eles usam de intimidação e ameaçam até mesmo com a perda de salvação. É hora de dar um basta, isso é escravidão – o conhecimento da verdade liberta (Jo 8:32). Se algo não liberta, é porque não é verdade!

As citações bíblicas:

Marcos 11:24

Por isso, vos digo que tudo quanto em oração pedirdes, crede que recebestes, e será assim convosco.

Esse versículo deve ser lido em equilíbrio com outro, que é I Jo 5:14: “... esta é a confiança que temos para com ele, que, se pedirmos alguma coisa segundo a sua vontade, ele nos ouve.” João diz que Deus realmente nos dá o que pedimos, contanto que seja a Sua vontade. Deus não é nem o Papai Noel nem muito menos o Gênio da Lâmpada (que chamava Aladim de “amo e senhor”) – não, Ele é o Senhor, e é Sua vontade soberana que determina o que Ele nos dará ou não. A questão é que os defensores da teologia da prosperidade e da confissão positiva dizem que sempre é vontade de Deus curar e dar riqueza, e citam como prova os demais versículos que serão discutidos abaixo. O fato, contudo, é que a vontade de Deus é insondável, oculta em sua maior parte aos seres humanos. Ninguém, exceto por muita presunção, pode dizer que conhece a vontade de Deus em todos os casos. Seus caminhos não são os nossos e Seus pensamentos também não são os nossos (Is 55:8). Seus juízos e Seus caminhos são inescrutáveis e insondáveis, como bem nos lembra Paulo em Romanos 11!

Isaías 53:4, citado em Mateus 8:17 e I Pedro 2:24

... curou todos os que estavam doentes; para que se cumprisse o que fora dito por intermédio do profeta Isaías: Ele mesmo tomou as nossas enfermidades e carregou com as nossas doenças.

... carregando ele mesmo em seu corpo, sobre o madeiro, os nossos pecados, para que nós, mortos para os pecados, vivamos para a justiça; por suas chagas, fostes sarados.

Os “teólogos” da prosperidade e da confissão positiva dizem que a passagem de Isaías, citada de novo em Mateus e I Pedro, provaria que Deus deve sempre curar, já que Cristo já levou nossas dores e enfermidades.

Tentemos, então, levar esse pensamento às suas conseqüências lógicas. Se Cristo levou todas as nossas dores (o que é fato), e se as implicações plenas disso valessem para nós na presente era (o que questiono aqui), não deveríamos sequer morrer, já que Ele também levou sobre Si a dor da morte.

Também jamais deveria haver perseguição aos cristãos por causa do Evangelho, já que Jesus também levou essa dor sobre Si. Mas, pelo contrário, a realidade da morte é reconhecida em toda a Bíblia como o curso normal da humanidade, maculada como é pelo pecado. Não somente isso, todo tipo de enfermidade deveria ser curada – no entanto, nunca ouvimos relatos de curas de amputados, por exemplo (ainda que ouvíssemos, afinal Deus também é poderoso para curar esse tipo de mal, isso não provaria nada). Assim,

essa interpretação de Isaías 53 dada pelos teólogos da prosperidade não se harmoniza com a realidade dos fatos, nem a nossa nem muito menos a dos escritores bíblicos.

Como se deve entender, então, o versículo de Isaías? Basta colocá-lo dentro do contexto de toda a Bíblia, que diz que o homem foi expulso do Éden, e a Árvore da Vida ficou do “outro lado da porta” (até que ponto é uma árvore literal ou simbólica não faz a menor diferença neste caso). Acontece que apenas em Apocalipse, na Nova Jerusalém, é que o homem terá novamente acesso àquela árvore que é “para a cura de todas as nações”. Até então, Deus disse que a terra produziria “cardos e abrolhos”. É num mundo assim que vivemos, e não há distinção entre crentes e incrédulos, afinal Deus manda a chuva sobre justos e injustos (Mt 5:45). Na verdade, até o Novo Testamento menciona doenças que não foram curadas milagrosamente, como o caso de Timóteo (I Tm 5:23), que recebeu do apóstolo Paulo o conselho de tomar vinho por causa das suas “freqüentes enfermidades” no estômago.

Mas, se Is 53:4 só se aplicará plenamente na Nova Jerusalém, por que esse versículo é citado em Mateus, sendo cumprido aqui na terra? O que acontece, neste caso, é que os seres humanos tiveram um “aperitivo” dos efeitos de Isaías 53 quando Jesus esteve fisicamente aqui. É bíblico dizer que o Reino de Deus já chegou (Mt 3:2), porém ainda não na sua plenitude (tanto é que, como já foi dito, nós ainda morremos, ainda pecamos, ainda sentimos dores etc.).

Contudo, quando o Rei esteve fisicamente aqui, pudemos provar um pouco dessa plenitude. Aliás, analisando bem, Jesus ressuscitou apenas umas duas ou três pessoas: quantos mortos havia nos cemitérios judeus na época?

Quantos enfermos havia no tanque de Betesda, onde Jesus provavelmente só curou um? Mateus cita Isaías 53 porque o que possibilitou que as curas de alguns se tornassem reais é que Jesus já pagou pelo nosso pecado. Se Ele não tivesse levado sobre si nossas dores, nenhuma cura teria sido realizada quando Jesus veio. Mas Ele não curou 100% dos enfermos, tampouco ressuscitou 100% dos mortos. Isso só vai acontecer na segunda vinda, quando o Reino de Deus vier na sua plenitude.

E quanto a I Pedro? Coloquemos a citação em I Pedro dentro do contexto, e veremos que o apóstolo falava da cura do pecado (ou seja, saúde espiritual) e não de saúde física.

João 14:12

Em verdade, em verdade vos digo que aquele que crê em mim fará também as obras que eu faço, e outras maiores fará, porque eu vou para junto do Pai.

O versículo acima tem sido citado para dizer que nós podemos e devemos fazer a mesma quantidade e os mesmos milagres que Jesus fez, portanto indo contra a tese de que a presença física de Jesus na terra foi um pré-cumprimento dos benefícios plenos de Is 53:4. Se nós faremos as mesmas obras de Jesus, dizem eles, nada mudou desde que Jesus subiu aos céus.

Cabe aqui um esclarecimento. Depois que Jesus ressuscitou e subiu aos céus, realmente continuaram acontecendo milagres, e creio eu que aconteçam até hoje. Porém, estes não acontecem na mesma intensidade e freqüência que no tempo em que Jesus esteve fisicamente aqui. Não é todo dia que vemos alguém caminhando sobre as águas, uma tempestade sendo acalmada com uma palavra, mortos ressuscitando, cegos vendo e outros sinais dessa grandeza. Quando Jesus subiu aos céus, essas coisas se tornaram bem menos freqüentes e, ousado dizer, depois que morreram os apóstolos, ficaram ainda bem mais raras. Mas Deus não é o mesmo ontem, hoje e sempre? Sim, Ele é, mas isso não o obriga a agir sempre da mesma forma, e a evidência maior disso é que temos várias alianças diferentes na Bíblia, feitas entre Ele e os homens.

Entendamos, portanto, o que representam os milagres na história do cristianismo. Em II Co 12:12, Paulo deixa claro que os “sinais, prodígios e poderes miraculosos” eram suas “credenciais” como apóstolo. Em

outras palavras, essas coisas distinguiam os cristãos comuns dos apóstolos, que eram aqueles que haviam recebido sua missão diretamente do Senhor e sobre o fundamento dos quais a igreja estava edificada. Por outro lado, em I Co 12:28, Paulo também fala de dons de milagres e dons de curas, dados a pessoas que não eram apóstolos. Ainda assim, os dois versos seguintes deixam claro que, assim como não são todos apóstolos, também não são todos que possuem esses dons. Tais dons existem e são para a edificação da igreja, mas não dados a todos os cristãos e nem têm a finalidade de fazer nossas vontades. Vale lembrar que eles são distribuídos conforme a soberania de Deus, que cura e realiza milagres quando quer. Nem mesmo Jesus curou todos os enfermos do seu tempo. Mas alguém pode dizer: “Jesus não curou todos aqueles que o buscaram corretamente?” Com certeza, só que o ato de buscar a Jesus é algo que primeiramente o próprio Deus coloca no coração do homem, em Sua soberania.

Voltando então a João 14:12, o que significa “farão obras ainda maiores que as que faço”? Primeiro, Jesus não se refere necessariamente aos milagres, uma vez que não usou qualquer uma das três palavras gregas comumente usadas para designá-los no Novo Testamento (traduzidas quase sempre como “sinais, prodígios e maravilhas”, como em II Co 12:12). Segundo, a interpretação mais sólida dessa frase é aquela que leva em conta que as “obras” de Jesus tinham e têm por finalidade fazer a vontade do Pai e proclamar o Reino de Deus. Aí fica fácil entender: Jesus levou a mensagem do Evangelho ao povo de Israel, e a igreja já levou a mesma mensagem até os confins da terra!

João 10:10b

...eu vim para que tenham vida e a tenham em abundância.

Os teólogos da prosperidade dizem que “vida em abundância” que Jesus veio para que tenhamos é uma vida de riqueza material e saúde. Será? O que pensariam disso os mártires, que, ao contrário da riqueza, ganharam como “prêmio” pela sua fidelidade o sacrifício da própria vida pelo Evangelho? O que pensaria disso aquele missionário que abandonou tudo para viver entre uma tribo selvagem da África, pegou malária e nunca ficou rico, mas por outro lado pregou o Evangelho para aqueles que nunca tinham ouvido falar em Jesus? O que pensaria disso aquela viúva pobre que deu as duas últimas moedas e que, pelo menos pelo relato bíblico, não consta que tenha ficado rica? O que pensaria disso aquela senhora pobre da igreja que tem sempre a casa aberta para receber pessoas em necessidade e sempre tem uma palavra de consolo?

Aliás, o que pensaria Paulo, que passou por inúmeras situações desfavoráveis, até mesmo fome (Fp 4:12)? Será que essas pessoas seriam consideradas como de “vida abundante” pelos teólogos da prosperidade? Por outro lado, será que eles consideram os ricos e poderosos do nosso mundo, incluindo aí criminosos e vários políticos desonestos, como pessoas de “vida abundante”?

Marcos 10:29 (e passagens paralelas: Mateus 19:29 e Lucas 18:29,30)

Tornou Jesus: Em verdade vos digo que ninguém há que tenha deixado casa, ou irmãos, ou irmãs, ou mãe, ou pai, ou filhos, ou campos por amor de mim e por amor do evangelho, que não receba, já no presente, o cêntuplo de casas, irmãos, irmãs, mães, filhos e campos, com perseguições; e, no mundo por vir, a vida eterna.

Creio que ninguém, em sã consciência, interpreta aquilo tudo literalmente. Se alguém levar o versículo inteiro ao pé da letra, será um perverso sexual com centenas de filhos (e de mulheres também, se seguirmos a passagem paralela de Lucas!)... Aliás, Jesus falou aquilo para os discípulos. Não consta que Pedro e os demais tenham se tornado milionários depois de abandonar tudo para seguir Jesus – pelo contrário, a maioria deles se tornou mártires. Pedro, por exemplo, continuou vivendo como pescador, e ainda ganhou a “vida abundante” morrendo numa cruz de cabeça pra baixo (se é que é verdade essa história sobre a forma como o apóstolo morreu).

O que Jesus disse é que, se você abrir mão do que tem, vai ganhar uma nova família, vai pertencer à Igreja, ao corpo de Cristo, sua nova família, que representa 100 vezes mais mães, pais, filhos e casas. E, de brinde, ainda vai ganhar perseguições. Aliás, eu me pergunto, por que nenhum desses pregadores da prosperidade cumprem a primeira parte do versículo, que fala sobre abandonar tudo (isso eles só recomendam para as suas ovelhas, que abandonem tudo nas contas bancárias deles), ou ainda o que está um pouco antes, no verso 21, quando Jesus diz ao jovem rico que este deveria vender todos os seus bens e dar o dinheiro aos pobres?

II Coríntios 8:9

... pois conheceis a graça de nosso Senhor Jesus Cristo, que, sendo rico, se fez pobre por amor de vós, para que, pela sua pobreza, vos tornásseis ricos.

Citado fora do contexto, esse versículo parece indicar que Jesus se tornou pobre para que todos os cristãos se tornassem ricos. Começemos a ler o capítulo 8, no entanto, e veremos que Paulo elogia a igreja dos macedônios, que era pobre, e dá um “sabão” na igreja dos coríntios, que era rica. A igreja que era pobre era a mais generosa (o que já contraria a teologia de que ofertar é “semear bens materiais”, uma vez que eles eram liberais e continuavam pobres), enquanto que a igreja rica era a mais avarenta.

Paulo então repreende os coríntios, e os exorta a serem como Jesus, que era rico e se fez pobre. Se eles eram ricos, é porque um dia Cristo se fez pobre, e eles deveriam fazer o mesmo em prol do sustento de Paulo e outros apóstolos/missionários, abrindo mão de sua riqueza. Não está escrito ali que Cristo se fez pobre para todos os cristãos fossem ricos (tanto é assim que os macedônios ainda eram pobres, e não era por causa de falta de generosidade).

O que está escrito é que, se os coríntios eram ricos, era por causa da misericórdia de Cristo, que abriu mão da Sua própria riqueza em prol deles.

III João 2

Amado, acima de tudo, faço votos por tua prosperidade e saúde, assim como é próspera a tua alma.

Sabemos que Jesus prometeu perseguições (citando, de novo, Mc 10:29). No entanto, quem tem o costume de escrever “desejo que você seja perseguido”?

Mesmo que seja uma certeza da Palavra de Deus as perseguições por causa do Reino, ninguém as deseja, e isso é perfeitamente natural. Nosso desejo é saúde e prosperidade – agora, se Deus deseja dar isso para nós ou não, cada caso é um caso, e vai depender da soberania divina. Eu desejo saúde para todos os que amo (assim como o apóstolo João desejava a prosperidade do destinatário daquela carta), mas não tenho certeza se essa é a vontade de Deus. Se Ele quiser, na Sua vontade soberana, que alguém morra como mártir ou morra de câncer, essa pessoa tem que dizer como Jó, “o Senhor deu, o Senhor tirou, bendito seja o nome do Senhor”. Mas eu posso perfeitamente escrever que o que eu desejo é saúde para quem quer que seja. Foi isso que João escreveu para seu destinatário, mas não necessariamente aquilo era a vontade de Deus. Não faria sentido João ter escrito “desejo perseguições pra você”...

Marcos 11:22,23

Ao que Jesus lhes disse: Tende fé em Deus; porque em verdade vos afirmo que, se alguém disser a este monte: Ergue-te e lança-te no mar, e não duvidar no seu coração, mas crer que se fará o que diz, assim será com ele.

Esse ensinamento de Jesus é usado para justificar o ato de falar com as enfermidades, e ainda o uso de verbos como “decretar” ou “determinar”, que são verbos perfeitamente adequados para estarem na boca do Deus Todo-Poderoso, mas nunca de criaturas finitas e falíveis como nós.

Temos, de fato, alguns exemplos bíblicos de pessoas falando para as coisas ou executando algum ato e algo acontecendo por causa disso. Temos o caso de Jesus, que repreendeu a tempestade e o mar se acalmou, e ainda repreendeu a febre da sogra de Pedro (Lc 4:39). Acontece que Jesus, mesmo assumindo forma humana, nunca deixou de ser Deus. Mesmo assim, temos casos de pessoas comuns fazendo algo semelhante: Moisés colocou o cajado no mar e este se abriu (Nm 14:16,21); recebeu ordem de Deus para apenas falar com a rocha e esta soltaria água (Nm 20:8); Pedro mandou o coxo se levantar e este foi curado (At 3:6), entre outras coisas. Será, então, que isso significa que podemos fazer o mesmo apenas tendo fé? Depende: fé em quê?

O verso 22 diz “tende fé em Deus”. Ter fé em Deus significa acreditar no que Deus falou. Foi Deus que falou com Moisés para falar com a rocha, que colocou no coração de Pedro a certeza de que o coxo seria curado, que falou que abriria o mar... Se Deus falar com certeza que uma montanha sairá do lugar, pode falar com ela que ela sai. Caso contrário, vai tudo continuar como está!

Essa passagem não é, portanto, uma carta branca para sair por aí “decretando” e “determinando” as coisas, mas, antes, é um convite a acreditar em tudo que Deus falar – se Ele falar, vai acontecer. Quem decreta e determina é Deus, nós só podemos proclamar o que Ele já decretou e determinou.

Lucas 6:38^a

... dai, e dar-se-vos-á; boa medida, recalcada, sacudida, transbordante, generosamente vos darão.

Trata-se de mais um texto usado fora do seu contexto, principalmente pelos que gostam de dizer que as contribuições financeiras para a obra de Deus são uma espécie de barganha, que rende bens materiais para quem as dá. O argumento de Jesus começa no verso 27. “Amem os inimigos, ofereçam a outra face, bendigam (mesmo aqueles que os maldizem), dêem a quem pede etc.” No verso 31, Jesus arremata: “façam com os outros o que gostariam que os outros façam com vocês”. Se assim fizermos, se tratarmos bem as pessoas, se dermos nossas coisas para aliviá-las quando tiverem necessidade, a consequência lógica é que também elas nos socorrerão quando precisarmos – e nos darão medida plena, recalcada, transbordante... Se, por outro lado, as julgarmos com severidade (verso 37), seremos julgados assim também. É a lei da sementeira e da colheita. Tratem os outros bem e vocês receberão o mesmo em troca – e isso não tem nada a ver com dar ofertas à igreja em troca de bênçãos materiais.

Mateus 16:19, Mateus 12:29 e Marcos 3:27

Dar-te-ei as chaves do reino dos céus; o que ligares na terra terá sido ligado nos céus; e o que desligares na terra terá sido desligado nos céus. Ou como pode alguém entrar na casa do valente e roubar-lhe os bens sem primeiro amarrá-lo? E, então, lhe saqueará a casa. Ninguém pode entrar na casa do valente para roubar-lhe os bens, sem primeiro amarrá-lo; e só então lhe saqueará a casa.

Essas passagens são usadas para justificar a expressão “tá amarrado em nome de Jesus”, ou qualquer outro ritual para “amarrar” os demônios (em algumas versões em inglês “ligar”, em Mateus 16, é “bind”, ou seja, “amarrar”).

Também são usadas para justificar doutrinariamente uma suposta “legalidade” que o diabo e os demônios teriam para agir. Em outras palavras, na teologia da prosperidade e da confissão positiva, quem dá poder para os demônios agirem (ou tira esse poder) são as pessoas e não Deus. Deus só observaria, passivo, as atitudes das pessoas, que neste caso dão ou tiram o poder para que os seres espirituais ajam. A soberania de Deus, assim, se torna um mero detalhe, e Deus, de supremo controlador e sustentador de todas as coisas, passa para o posto de mero expectador, sendo constantemente ameaçado pelas forças do mal e precisando constantemente ser defendido por ninguém menos que nós, criaturas com o poder de “amarrar” os demônios...

Primeiramente, é preciso mencionar que a gramática de Mt 16:19 não diz que nós “amarramos” ou “ligamos” na terra e só então se “amarra” ou “liga” algo nos céus, mas exatamente o contrário. O tempo verbal grego, literalmente traduzido, é: “tudo que ligardes na terra terá sido ligado no céu”. “Terá sido” implica que primeiro foi ligado no céu, para só então nós ligarmos na terra. Em outras palavras, primeiro no céu, depois na terra, essa é a ordem – como, aliás, qualquer outra coisa que Deus faz: primeiro Deus toma a iniciativa, depois o homem segue o que Ele decretou. Esse entendimento acaba com o orgulho humano, uma vez que tira do homem qualquer possibilidade de mudar a Deus, que por falar nisso é imutável e sem qualquer sombra de variação (Tg 1:17). É verdade que Tiago diz que a oração do justo é eficaz, mas curiosamente o exemplo dado por ele foi o de Elias orando para não chover (Tg 5:17,18).

Quem, afinal, colocou no coração de Elias o desejo de orar para que não chovesse, foi o próprio Elias que convenceu a Deus ou foi Deus que moveu o profeta? Em segundo lugar, vale lembrar que o texto de Mateus não tem absolutamente nada a ver com “amarrar demônios”.

Quanto aos textos sobre “amarrar o valente”, é importante entender que Jesus não estava ensinando táticas para derrotar demônios, mas fazia apenas uma analogia entre um ladrão que invade uma casa e amarra o dono para poder roubar e aquele que expulsava os demônios (no caso, Ele próprio). Jesus havia sido acusado de expulsar demônios por ser o maioral deles, e usou dessa analogia para explicar que não fazia sentido expulsá-los sendo um deles, assim como não fazia sentido invadir uma casa sem amordaçar (ou amarrar) o dono desta. Além do mais, ainda que Jesus estivesse ensinando a amarrar demônios, quem disse que isso se faz gritando uma frase mágica?

Nunca é demais lembrar, também, que Jesus e os apóstolos só expulsaram demônios quando estes se apossavam das pessoas, eles nunca os expulsaram de um determinado lugar, como fazem alguns hoje.

Mateus 13:58 e Marcos 6:5,6

E não fez ali muitos milagres, por causa da incredulidade deles. Não pôde fazer ali nenhum milagre, senão curar uns poucos enfermos, impondo-lhes as mãos. Admirou-se da incredulidade deles.

Segundo os proponentes da teologia da prosperidade e da confissão positiva, o poder de Jesus está limitado pela nossa fé. Quanto mais fé tivermos, dizem eles, mais poder Jesus terá, e a prova seria essas passagens, que dizem que Jesus “não pôde fazer muitos milagres em Nazaré por causa da incredulidade das pessoas”. Mais uma vez, Deus é privado da Sua soberania, já que só pode agir se os seres humanos permitirem.

O sentido dessas passagens, no entanto, fica claro quando entendemos para que serviam os milagres de Jesus. Um dos termos gregos usados para “milagre”, embora não seja o que foi usado nessas passagens, mas é muitas vezes usado indistintamente em outras, significa “sinal”. Um sinal é algo que se faz para que alguém veja e creia, ou seja, é como se fosse uma prova jurídica.

Aliás, esse é o termo preferido pelo evangelista João para se referir aos milagres de Jesus. Em Jo 20:30,31, está escrito: “Na verdade, fez Jesus diante dos discípulos muitos outros sinais que não estão escritos neste livro. Estes, porém, foram registrados para que creiais que Jesus é o Cristo, o Filho de Deus, e para que, crendo, tenhais vida em seu nome.”

Em Lucas 4, temos um relato mais detalhado da ida de Jesus a Nazaré e da incredulidade das pessoas de lá, que chegaram ao ponto de tentar matá-lo. A pergunta óbvia que se faz é, por que Jesus iria desperdiçar sinais com pessoas que não estavam dispostas a crer? Não, Jesus não teve seus poderes limitados pela incredulidade do povo, simplesmente não quis fazer sinais se estes não serviriam para nada.

Deuteronômio 28:1-14, Gênesis 39:3, Êxodo 15:26, Josué 1:8, I Crônicas 22:13, II Crônicas 26:5, Salmo 1:3, Salmo 25:13, Salmo 112:1-3 etc.

São as únicas passagens bíblicas ou que prometem prosperidade para quem obedecer ao Senhor ou que relatam que alguém prosperou por causa disso. Não é por acaso que todas elas estão no Antigo Testamento. Na Nova Aliança, não há qualquer promessa de que quem for fiel aos mandamentos de Deus prosperará materialmente ou não estará sujeito às doenças que atingem os demais seres humanos. Assim como, na Velha Aliança, não havia qualquer “promessa”, como há no caso da Nova, de que quem servisse ao Senhor seria perseguido por causa da justiça – mesmo assim, vale lembrar que vários personagens do Antigo Testamento foram perseguidos, como Elias, Daniel e Jeremias.

O fato é que Deus se relaciona com as pessoas por meio de alianças. Estas alianças são feitas conforme o nível de maturidade espiritual na qual a humanidade se encontra. Exemplificando, ninguém trata o filho de 5 anos da mesma forma que trata o que tem 25. Quando o filho pequeno pede uma bala, o pai dá. Quando o filho adulto pede a mesma coisa, geralmente a resposta é “vá trabalhar!”... No Antigo Testamento, Deus tratava as pessoas como um pai trata um filho pequeno: obedeça, seja fiel, que você ganhará muitas recompensas, será feliz, suas colheitas nunca falharão, você será rico, sua mulher nunca será estéril (nem suas vacas), sua saúde será perfeita.

Desobedeça, e os céus não enviarão a chuva, as crias das suas vacas abortarão, seus inimigos o perseguirão... No Novo Testamento, por outro lado, depois que Jesus se humilhou e se esvaziou, tendo se tornado pobre mesmo sendo o criador de tudo e o dono de todo o ouro, Deus passou a tratar a humanidade como um pai que se relaciona com um filho maduro, ou seja, na base do amor e não mais das recompensas. A humanidade já estava madura para entender que deve se relacionar com Deus apenas pelo que Ele é, sem buscar bênçãos materiais e saúde em troca e sem obedecer só pelo medo da punição. Na Nova Aliança, as doenças já não são necessariamente punição pela desobediência, mas muitas vezes podem até ser bênção, já que é em meio à nossa fraqueza que o poder de Deus se aperfeiçoa.

O mais interessante é ver que, ainda na Antiga Aliança, muitos já tinham entendido essa verdade, principalmente no caso dos profetas que foram perseguidos. Notem como é tocante a oração de Habacuque: “ainda que a figueira não floresça, que falte tudo, que todas as colheitas falhem, eu contudo me alegrarei no Senhor” (Hc 3:17,18), ou ainda a forma como Jó, pelo menos no início, reage à perda de tudo: “o Senhor deu, o Senhor tirou, bendito seja o nome do Senhor” (Jó 1:21). Por mais absurdo que possa parecer, um defensor da teologia da prosperidade uma vez me disse que Jó errou por não buscar a cura...

Salmo 103:3

Ele é quem perdoa as tuas iniquidades; quem sara as tuas enfermidades.

Davi estava num momento de alegria em que, provavelmente, tinha acabado de ver curado de uma doença, possivelmente a mesma referida nos salmos 51, 32 e 38, por causa do seu pecado. Ele diz à sua própria alma que seja grata ao Senhor, que é quem cura de todas as enfermidades. Só que Ele cura quando e como quer, e ainda assim se quiser. Eu concordo com Davi, Deus cura tudo (inclusive amputações!), mas só quando quer. Quando Ele diz não, eu me contento com o fato de que o poder dEle se aperfeiçoa na minha fraqueza, na minha enfermidade, na minha tristeza. Aliás, quando Paulo diz em II Co 12:10 que “sente prazer nas fraquezas”, a palavra grega usada para “fraquezas” é exatamente a mesma usada em Mt 8:17 – ou seja, as fraquezas nas quais Paulo sentia prazer eram as mesmas que Jesus levou sobre Si! Por que os teólogos da prosperidade nunca mencionam isso? Será que eles não sabem, ou escondem deliberadamente?

Provérbios 18:21

A morte e a vida estão no poder da língua; o que bem a utiliza come do seu fruto.

Esse texto é usado para justificar muitas coisas, dentre as quais a doutrina das “maldições” e a própria confissão positiva, segundo a qual suas palavras (confissão, no caso) têm algum poder mágico no mundo espiritual.

O livro de Provérbios é um pouco mais complicado quando se trata de colocar passagens no contexto, já que cada provérbio é um dito isolado e não faz parte de uma unidade textual. Por outro lado, existe algo chamado “contexto amplo”, que é a idéia geral do autor ao escrever uma obra, e ainda o estilo literário.

Neste caso, vemos que o livro em questão contém conselhos para a vida prática, discorrendo sobre criação dos filhos, conduta ética, temor de Deus, sabedoria, obediência às autoridades e outras recomendações que, seguidas na nossa vida prática, produzem uma vida coerente e centrada na vontade de Deus. Desta forma, não se trata de um manual de batalha espiritual nem muito menos de um tratado teológico sobre a ação de anjos e demônios, mas é um livro bem “pé no chão”.

Dito isso, podemos entender que o verso em questão trata do uso da língua no nosso cotidiano, e do grande poder que ela tem: com a língua você pode magoar alguém, desfazer uma longa amizade, pode se meter em apuros, principalmente se ofender alguém com mais poder que você, mas também pode manifestar amor, produzir reconciliação, pode evitar até uma guerra.

Quem usa a língua com sabedoria comerá do fruto que essa mesma sabedoria produz, e é isso e nada mais que o verso em questão está dizendo. Em Tiago 3:1-12 temos o mesmo tema novamente, de forma mais elaborada.

I Samuel 24:6 e Salmo 105:15

E disse [Davi] aos seus homens: O SENHOR me guarde de que eu faça tal coisa ao meu senhor, isto é, que eu estenda a mão contra ele, pois é o ungido do SENHOR.

Dizendo: Não toqueis nos meus ungidos, nem maltrateis os meus profetas.

Com base nesses dois versículos, criou-se dentro do protestantismo uma classe especial de “ungidos” que estão acima dos demais crentes e, além disso, não podem ser criticados ou questionados, pois afinal não se pode “tocar nos ungidos”. Esses tais se dizem procuradores de Deus, verdadeiros mediadores, como era, por exemplo, Moisés em relação ao resto do povo de Israel. Cito essas passagens aqui, portanto, por serem usadas com frequência pelos líderes que ensinam a teologia da prosperidade.

Mas, afinal, o que significa “ungidos”? “Ungir” significa “derramar óleo sobre”, e era, na cultura judaica antiga, a forma como os sacerdotes e reis eram iniciados no seu ofício. Em outras palavras, a unção credenciava o indivíduo para ser mediador entre Deus e as outras pessoas. Por esta razão Jesus é chamado de Cristo ou Messias, que são palavras que significam “ungido”. No Novo Testamento, contudo, o termo “unção” só aparece duas vezes, dentro da mesma passagem, em I Jo 2:20 e 27, que é um texto que diz que todos nós recebemos a unção do alto. A palavra “ungido”, por outro lado, só aparece na sua forma transliterada do grego, ou seja, Cristo, se referindo a Jesus e nunca aos líderes da igreja, nem mesmo aos apóstolos.

E quanto aos versículos de I Sm 24:6 e Sl 105:15? A primeira passagem fala de Saul, ungido como rei, e a segunda fala dos patriarcas Abraão, Isaque e Jacó, que Deus aqui chama também de ungidos. “Tocar”, “estender a mão contra” e “maltratar”, em ambos os contextos, significa utilizar de violência física e não a crítica ou o questionamento. Não há qualquer legitimidade exegética para transpor essas passagens do seu contexto original e aplicá-las aos líderes da igreja, por mais abençoados que estes supostamente sejam. O leitor pode ficar tranquilo, o seu líder não é infalível nem intocável, quem crê dessa forma é o catolicismo em relação ao papa. Se o seu líder falar ou ensinar algo que não se harmoniza com as Escrituras, ele deve sim ser confrontado (com respeito e submissão, obviamente, afinal, a não ser que ele

seja um usurpador, Deus o colocou como líder) e, se ele tentar usar de intimidação citando as passagens já citadas, desconfie das intenções dele.